O corpo moldado

corporeidade mediada e subjetivação

Poliana Lachi
Pedro Navarro

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LACHI, P., and NAVARRO, P. O corpo moldado: corporeidade mediada e subjetiva. In TASSO, I., and NAVARRO, P., orgs. *Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas* [online]. Maringá: Eduem, 2012. pp. 15-39. ISBN 978-85-7628-583-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Primeira parte

Sujeito e corpo na ordem dos discursos: efeitos do
biopoder

O CORPO MOLDADO:

CORPOREIDADE MEDIADA E SUBJETIVAÇÃO

Poliana Lachi⁴, Pedro Navarro⁵

Não é de hoje que a ciência busca compreender a origem do homem, os seus modos de agir e a sua relação em sociedade. Se na Antiguidade esse processo se dava por meio da religião, do misticismo crente em magias e atos sobrenaturais, com o surgimento da ciência moderna, de base empírica, os saberes ganharam um novo peso de verdade e passaram para um novo estatuto, embora não tenham deixado de estar ligados à elite.

Foucault faz dessa questão a sua maior inquietação. O desvendamento do sujeito moderno não ocorre apenas em *As palavras e as coisas*, mas é um pensamento que transpassa toda a sua obra, inclusive aquelas que tematizam o poder, o saber e a ética. Considerando essa busca por um sentido do homem atual e tomando-a como aspecto investigativo, este artigo propõe lançar um breve olhar sobre o discurso a respeito do corpo e suas formas de subjetivação. Para isso, em um primeiro momento realizará uma articulação teórica entre diferentes noções que, quando organizadas e entrelaçadas, permitem compreender os efeitos de sentido dos discursos sobre o corpo do sujeito e a sua

4 Mestre pelo Programa de Pós- Graduação em Letras da UEM.

5 Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós- Graduação em Letras da UEM.

identidade: modernidade, identidade, mídia e corpo; o segundo momento se constituirá em breve apresentação de resultados obtidos em pesquisa anterior⁶.

Modernidade e identidade

Para Giddens (2002), mais do que um simples período histórico, o termo “modernidade” representa todo um conjunto de práticas comportamentais e instituições que afetam o mundo de forma global e que são posteriores ao período feudal europeu. Para o autor, essas instituições diferem drasticamente daquelas que as precederam, fato que se deve ao seu dinamismo e ao impacto de ordem global que alcançaram, pois a chegada da Modernidade altera o cotidiano dos sujeitos, seja nos aspectos sociais seja nos pessoais: ela “deve ser entendida num nível institucional; mas as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e portanto com o eu”. (GIDDENS, 2002, p. 9).

Longe de ser homogênea, para Bauman (2001), a Modernidade pode ser vista, num primeiro momento, como algo ‘sólido’, e em outro, como ‘leve’, ‘fluido’ ou ‘líquido’. Neste último, considera-se que “os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo”. (BAUMAN, 2001, p. 8). Essa metáfora, construída pelo autor para caracterizar esse

⁶ Este artigo consiste em um recorte da pesquisa desenvolvida pela autora em sua dissertação, intitulada *Um corpo de sentidos: discurso, subjetividade e mídia*, desenvolvida na Universidade Estadual de Maringá sob a orientação do professor Dr. Pedro Navarro.

novo aspecto da Modernidade, explica perfeitamente o que é a contemporaneidade. Esta é fluida, pois se move com facilidade, altera o seu estado e assume qualquer forma, e assim está sempre pronta para se reconfigurar.

Observa-se na Modernidade um avanço do mundo industrializado, com a utilização de maquinários e da força material nos processos de produção; entretanto essa industrialização não deve ser compreendida como a sua única dimensão, pois há outro fator que marca presença de forma drástica: o capitalismo - um “sistema de produção de mercadorias que envolve tanto mercados competitivos quanto a mercantilização da força de trabalho”. (GIDDENS, 2002, p. 21).

Ocorre ainda um esvaziamento das noções de tempo e espaço, que se separam tanto de si quanto do que Bauman (2001) chama de “práticas da vida” e passam a se caracterizar como categorias distintas; assim, “um mundo com um sistema de tempo universal e zonas de tempo globalmente padronizadas como o nosso hoje, e social e experiencialmente diferente de todas as eras pré-modernas”. (GIDDENS, 2002, p. 23).

Se a Modernidade produz mudanças em todos os aspectos da vida social e em todas as instituições, não é de estranhar que ela possibilite uma ressignificação da instância última da sociedade: o sujeito. Essa é uma das formas pelas quais atua a reflexividade da Modernidade. Para Giddens (2002, p. 10),

a reorganização do tempo e do espaço, somada aos mecanismos de desencaixe, radicaliza e globaliza traços institucionais preestabelecidos da Modernidade; e atua na transformação do conteúdo e da natureza da vida social cotidiana.

Assim, ao afetar a vida cotidiana, afeta também o indivíduo. Pensar na identidade desse sujeito moderno é considerar que as

estruturas às quais ele se ligava já não são fixas. Se houve uma liquidificação da sociedade, o sujeito que se prendia a ela passa por uma desestruturação. Para Hall (2006), esse sujeito se destaca por não possuir uma identidade fixa, essencial ou permanente. Como os líquidos, as identidades modernas estão sempre em movimento, tomando novos formatos – que logo serão perdidos para que outros assumam o seu lugar. Elas não se prendem a um único formato, uma única configuração: “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006, p. 13).

Hall (2006) reforça esse sentido de contradição das identidades modernas. Para esse autor, se elas parecem unificadas, isso se deve a uma fantasia ilusória que o indivíduo forma ao construir a sua narrativa biográfica. Assim, a identidade moderna se constitui a partir da chamada “crise de identidade”. Para Bauman (2005, p. 30), a partir do momento em que a identidade perde as âncoras sociais que lhe conferiam o aspecto de natural, inegociável e predeterminada, para o sujeito se torna ainda mais importante a identificação. Dessa forma, pensar em identidade só se tornou possível a partir dessa crise de pertencimento.

Laclau (*apud* HALL, 2006) aponta as sociedades modernas como descentradas, deslocadas por forças exteriores a ela. Essas sociedades “são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é, identidades – para os indivíduos” (HALL, 2006, p. 17). Há então o fenômeno da pluralização das identidades, que possibilita ao sujeito uma diversidade de posições que podem ser assumidas e que promovem novas identidades, papéis que nem sempre estarão em harmonia.

Nessa busca pela identificação entra em jogo a questão da diferença, que não se contrapõe à identificação, nem a exclui, mas, contrariamente, identidade e diferença dependem uma da outra (SILVA, 2007). Afirmar uma identidade só faz sentido porque faz parte de uma cadeia de negações: ser algo só significa porque não é outra coisa. O mesmo ocorre com a questão da diferença, que se constitui como tal apenas em relação às afirmações de identidade. (SILVA, 2007, p. 75).

A representação e marcação da identidade se dão por meio dos símbolos. Segundo Woodward (2007, p. 10), “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa”. Para a autora, que em seu texto toma como exemplificação as discussões sobre as identidades dos sérvios e croatas em meio a uma disputa política, o cigarro fumado por um indivíduo, por exemplo, pode indicar seu pertencimento a essa ou àquela identidade nacional; por isso essa identidade é tanto social quando simbólica (WOODWARD, 2007).

Essa identidade - fragmentada, líquida - que se dá por meio da diferença e é marcada por símbolos, é vista também como construída no discurso, pois as posições assumidas pelos sujeitos implicam a sua identidade – até mesmo no sentido de que a própria língua utilizada pelo indivíduo é constitutiva de um sentido de pertencimento a uma nação, a um lugar (WOODWARD, 2007):

[...] quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades (WOODWARD, 2007, p. 55).

Os sentidos então se dão conforme a posição tomada pelo sujeito, porém esse mesmo sujeito é produzido pelo discurso a partir de formações discursivas. Sendo assim, diante das inúmeras discussões a respeito da identidade e das perspectivas de abordagem dessa noção, é no cruzamento entre esses sujeitos e as práticas discursivas que a identificação será apreendida (HALL, 2007). Tal identificação, na perspectiva discursiva, é tida sempre como um processo nunca completado, pois a qualquer momento ela pode ser sustentada ou abandonada.

Por que a mídia?

O avanço da tecnologia proporcionou também o desenvolvimento e a globalização dos meios de comunicação, fazendo-os integrar-se na vida social de forma regular e possibilitando que os produtos da mídia passassem a circular em amplitude internacional (THOMPSON, 2008). Essa extensão dos meios de comunicação mostra a sua importância diante dos aspectos sociais, uma vez que a própria comunicação é um aspecto central da vida dos indivíduos e, como aponta Thompson (2008, p. 19), “de uma forma profunda e irreversível, o desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólicos no mundo moderno”. Esse simbolismo de que são dotados os meios de comunicação se refere tanto à produção quanto ao tratamento dos materiais significativos para os indivíduos.

A comunicação é tida pelo autor como “um tipo distinto de atividade social que envolve a produção, a transmissão e a

recepção de formas simbólicas e implica a utilização de recursos de vários tipos” (THOMPSON, 2008, p. 25). Nessa perspectiva, cabe destacar a mídia em massa, que é uma forma de produção de conteúdo simbólico por meio de fixação e transmissão. Ela está ligada a instituições e seus produtos estão disponíveis a uma grande quantidade de indivíduos (THOMPSON, 2008). Para Thompson (2008), esse tipo de comunicação se caracteriza por cinco aspectos, a saber:

- 1) **os meios técnicos e institucionais**, os quais envolvem certos tipos de tecnologia e certas inovações tecnológicas que são também explorados comercialmente e ocorrem dentro de instituições, tornando possível o surgimento da *indústria da mídia*;
- 2) **a mercantilização**, pois, para o autor, os produtos midiáticos podem receber dois tipos de valorização: um *valor simbólico*, atribuído de forma subjetiva e/ou emocional, e um *valor econômico*, que corresponde à atribuição de um valor ao produto por meio do qual ele pode ser trocado no mercado e está ligado à mercantilização, que transforma as formas simbólicas e produtos da mídia em *mercadorias*;
- 3) **dissociação estrutural entre produção e recepção das formas simbólicas**: nas comunicações em massa os contextos de produção e recepção geralmente se diferenciam, o que implica também que a comunicação flui em um único sentido, sem o *feedback* característico de uma conversação face a face; mas isto não impede que a indústria da mídia tente contornar esse fator, pois atua por meio de pesquisas mercadológicas (THOMPSON, 2008);

- 4) **distribuição das formas simbólicas no tempo e no espaço**, pois os produtos estão disponíveis em outros contextos além daqueles dos quais eles surgem, podendo alcançar contextos mais distantes daqueles originários (THOMSPON, 2008);
- 5) **distribuição pública das formas simbólicas**, o que significa que os produtos da mídia ficam disponíveis a uma pluralidade de destinatários, de forma que aqueles que dispõem de meios técnicos e financeiros passam a adquiri-los, embora eles se restrinjam a uma pequena margem da população (THOMSPON, 2008).

Para Giddens (2002), a mídia atua como uma expressão e instrumento das tendências globalizantes da Modernidade: “em suma, nas condições da Modernidade, os meios de comunicação não espelham realidades, mas em parte as formam” (GIDDENS, 2002, p. 32); e ao formar (e transformar) a sociedade, a mídia influencia também os sujeitos. Ao trazer os eventos, a mídia proporciona que eles, mesmo sendo exteriores ao indivíduo, infiltrem-se nas atividades do seu cotidiano. Essa é a “intrusão de eventos distantes no cotidiano”. Para Giddens (2002), ocorre muitas vezes a inversão da realidade, de forma que aquilo que é disseminado pela mídia ganha um valor real maior do que aquilo que é experimentado pelo sujeito.

Essa intrusão pode ser relacionada com o sujeito de outra maneira. Giddens (2002) aponta que, diante da Modernidade, muitos eventos deixaram de fazer parte da experiência dos sujeitos, ocorrendo a segregação da experiência. Para o autor, “a segregação da experiência significa que, para muitas pessoas, o contato direto com eventos e situações que ligam a vida individual a questões mais amplas de moralidade e finitude são

raras e fugazes” (GIDDENS, 2002, p. 15). Essa segregação é coordenada pela ciência, pela tecnologia e pela especialização, que alteram as condições de vida dos sujeitos, permitindo que certos tipos de experiência se tornem exteriores ao cotidiano de alguns indivíduos. Morte, doenças, etc., são experiências que com a Modernidade foram reduzidas à condição de algo privado, porém a mídia vai trazer essas experiências para o sujeito por meio do que Giddens (2002) chama de ‘experiência mediada’.

Thompson (2008) aponta para uma ‘visibilidade mediada’. O autor traz de Foucault a questão da disciplina e o modelo do *Panopticon* (concebido por Jeremy Bertham em 1791 e analisado por Foucault em *Vigiar e Punir*). Não obstante, Thompson (2008) aponta que a forma como a mídia se relaciona com o poder e a visibilidade possui certa diferença em relação a esse modelo idealista proposto por Bertham e trazido por Foucault: para o autor, enquanto no *Panopticon* muitos sujeitos se tornavam visíveis para poucos, na mídia poucos se tornam objeto do olhar de muitos. Além disso, na visibilidade mediada os sujeitos (aqueles que são vigiados e os que vigiam) não partilham um lugar comum, pois uma das características da mídia é a dissociação entre lugar de produção e lugar de recepção.

A mídia fornece ao sujeito novas experiências (experiências mediadas), novos sentidos de pertencimento (sociabilidade mediada), sentidos de passado (historicidade mediada) (THOMPSON, 2008); e oferece também recursos simbólicos que atuam como possibilidades para a construção de um saber sobre si. Se antes da mídia uma das formas de obter sentidos para a formação das identidades era a interação face a face, com o avanço dos meios de comunicação e da imprensa as informações passam a chegar ao sujeito através

das mediações. Assim, “o conhecimento local é suplementado, e sempre mais substituído, por novas formas de conhecimento não locais que são fixadas num substrato material, reproduzidas tecnicamente e transmitidas pela mídia” (THOMPSON, 2008, p. 184).

Bauman (2005, p. 104) aponta então que “a mídia fornece a matéria bruta que seus leitores/espectadores usam para enfrentar a ambivalência de sua posição social”; ela disponibiliza ao sujeito informações sobre como ele deve ocupar uma posição de sujeito específica (WOODWARD, 2007).

Assim, essa mesma mídia que possibilita ao sujeito as experiências mediadas permite-lhe também o exercício do poder. para Thompson (2008, p. 26), “os meios técnicos, e as informações ou conteúdo simbólico nele armazenados, podem servir assim de fonte para o exercício de diferentes formas de poder”. Ao surgirem as indústrias da mídia, surgiram também novas formas de poder, que escapam ao controle de instituições como a Igreja e o Estado.

O corpo do sujeito é o sujeito?

Caso se busque a origem histórica do corpo, encontrar-se-á não apenas uma história da origem do homem, mas também a de um dualismo que atravessou os saberes sociais e atuou durante muito tempo como alicerce das distinções dos sujeitos e da sociedade. Fala-se aqui de uma origem que, de tão anterior, confunde-se com o místico e o religioso de uma época em que

estas eram as únicas fontes de explicação para as inquietações e dúvidas dos indivíduos.

Considerando-se esses saberes, observa-se, ao ser percorrer a história, o surgimento de diversos corpos, de diferentes noções, regimes e práticas que “coexistem, rivalizam, se sucedem e se transformam ao longo do tempo” (PRADO FILHO; TRISOTTO, 2008, p. 116). Não se trata apenas de diversas características de um mesmo corpo, mas de vários corpos que se configuram a partir desses saberes, de um objeto que é ressignificado a partir desses discursos. Assim, para Prado Filho e Trisotto (2008, p. 116),

o corpo posto como objeto para o saber médico ao tempo de Hipócrates não é o mesmo corpo dos “fluidos” e “vapores” que se coloca para a medicina medieval, que, por sua vez, não é o mesmo da medicina moderna, na qual predomina a concepção biológica e anatomofisiológica. É importante notar que, colada a um “corpo concreto”, histórico – objeto e resultado de práticas concretas – encontra-se certa “corporeidade”.

O corpo não é monopólio de nenhum campo de conhecimento, mesmo que em diversos momentos ele tenha sido enquadrado como natural de uma área específica (como ocorre com a medicina e a biologia). Para Prado Filho e Trisotto (2008), na Modernidade esse corpo passa por diversas formas de produção, sendo normalizado, modelado, moralizado, treinado, capacitado: “a Modernidade desenvolveu todo um conhecimento e uma sofisticada tecnologia de produção de corpos”. (PRADO FILHO; TRISOTTO, 2008, p. 115). Segundo estes autores, quando transportado para uma perspectiva que considera a história e a cultura, esse corpo deixa de ser natural e passa a ser encarado como construído.

Essa desnaturalização do corpo significa não apenas que o corpo não é natural dos campos da biologia e da medicina, mas também que são quebrados os paradigmas que o naturalizam dentro dessas áreas.

O corpo, este volume concreto, não tem nada de natural – em rigor, não existe “corpo natural”, espontâneo e livre, “pura potência”, anterior a qualquer trabalho da cultura – ele é sempre resultado de investimentos de poder e de enunciações por saberes: sua própria “natureza” é construída (PRADO FILHO; TRISOTTO, 2008, p. 116).

Dentro dessa relação entre corpo e historicidade e cultura, Prado Filho e Trisotto (2008) indicam a existência de um corpo e de uma corporeidade: o corpo como um objeto concreto, histórico, objeto das práticas; a corporeidade como “a ordem dos dispositivos, dos enunciados e das normas, implicando jogos de enunciação, normalização e de subjetivação, nos quais não apenas o corpo, mas a própria ‘alma’, a subjetividade dos sujeitos, é produzida” (PRADO FILHO; TRISOTTO, 2008, p. 116; CODO; SENNE, 2004).

Para Prado Filho e Trisotto (2008), o sujeito só tem acesso ao corpo pela corporeidade, pelos enunciados e práticas. É a partir dessa corporeidade que os sujeitos (dos sujeitos do cotidiano até os especializados) se relacionam com o corpo.

Qual seria, então, a relação entre a subjetividade desse sujeito e o seu corpo?

Para Woodward (2007), o corpo é o lugar em que o indivíduo estabelece fronteiras definidoras de sua identidade, e na perspectiva da psicanálise lacaniana, o primeiro passo para a construção de um sentido de “eu” pelo sujeito; ele é um referencial

estável para a autocompreensão do sujeito, um significante de sua subjetividade (HALL, 2007).

A relação entre a identidade (uma convenção social) e o corpo do indivíduo é que esse *eu* não é uma mera projeção, mas ele é encarnado e se configura como um espaço simbólico na formação das identidades (GIDDENS, 2002). Para Castro e Bueno (2005, p. 9), “num mundo marcado pela desterritorialização, o corpo desponta como um espaço limite de vivência (ou até mesmo sobrevivência) do exercício da territorialidade”. Ele é, então, território da cultura (uma vez que se configura como um suporte para a cultura das sociedades) e da identidade (CASTRO; BUENO, 2005; GUIMARÃES, 2005).

Para Guimarães (2005, p. 80), a globalização e a luta entre o individual e o coletivo ganham no corpo um espaço para “o embate entre o indivíduo e os interesses políticos e econômicos que querem incluí-lo nesse processo”. O autor afirma o corpo como o aspecto máximo da individualização (uma vez que há apenas um corpo para cada indivíduo e um indivíduo para cada corpo), porém ele é coletivizado à medida que passa a carregar o simbólico gerado pela globalização.

Dentro do processo de ressignificação e deslocamento da cultura diante da globalização, observa-se o próprio corpo como um lugar de comunicação (GUIMARÃES, 2005), como algo usado para expressar ideias – cabendo para isso só a utilização não das roupas e dos acessórios, mas também de elementos como os gestos, o comportamento do sujeito e práticas como o *body building*, a tatuagem e o *piercing*. Dessa forma, o corpo se torna o que Ramos (2005) denomina de ‘território’.

O corpo é então espaço para a inscrição do pertencimento, é lugar em que ocorre a batalha dos processos de identificação.

Corpo, identidade e cultura se ligam e se apoiam, e a reflexividade da identidade do sujeito se estende ao corpo (GIDDENS, 2002).

A partir do século XX, com o apagamento da divisão entre corpo e alma, modifica-se a relação do indivíduo com o seu corpo, surgindo uma perspectiva do corpo como objeto na história das mentalidades, conforme observa Courtine (2008) a partir da teoria foucaultiana.

Ory (2008) expõe que “o ordinário dos corpos humanos se acha, por definição – entenda-se, por delimitação –, submetido à influencia do movimento geral das sociedades”. O que é então apontado pelo autor é um ordinário que se constrói a partir de uma perspectiva histórica e social. Segundo ele, as modificações e movimentos da cultura provocados na Modernidade pela globalização afetam as representações e práticas corporais. Surgem dessa forma modernizações como as mudanças nos sistemas de água e esgoto e o desenvolvimento de políticas públicas que limitam o tempo de trabalho do indivíduo e permitem uma mudança no estilo de vida das populações – mudanças essas que passam pela medicina, pela sexualidade e pela corpolatria.

Foucault (2005, 2008a, 2008b, 2009) aponta para um corpo sobre o qual recai o poder. Para o autor, a consciência do indivíduo sobre o próprio corpo só se deu devido a um investimento no corpo pelo poder (FOUCAULT, 2008b, p. 149): “é a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico”.

Para Foucault (2008a), o poder se exerce nas ações cotidianas, e é no cotidiano do corpo que ele estará presente. O corpo, segundo o filósofo, só é útil na medida em que é produtivo e dócil, passível de transformação e aperfeiçoamento, um corpo

ativo atingido pelo poder: “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’”. (FOUCAULT, 2008a, p. 118).

De acordo com Revel (2005, p. 35), as disciplinas são “técnicas de coerção que exercem um esquadrinhamento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos e que atingem particularmente as atividades, os gestos, os corpos”. Elas atuam com o domínio do corpo, fabricam corpos submissos e exercitados, corpos dóceis (FOUCAULT, 2008a). Se por um lado elas possibilitam que o corpo seja o mais útil possível, potencializando-o, por outro também diminuem as suas forças, na medida em que o tornam submisso e obediente. Ele é individualizado por seu posicionamento, sua localização, sua distribuição, e hierarquizado. Ao fabricar o indivíduo, a disciplina o coloca tanto como objeto quanto como instrumento de seu exercício. Ela se exerce por meio de um mecanismo que possua um “jogo do olhar”, um aparelho de observação do indivíduo, assim como de registro e treinamento. (FOUCAULT, 2008a).

Para Foucault (FOUCAULT, 2008a, p. 148), o ato de vigiar é um importante fator de controle, pois

a disciplina faz “funcionar” um poder relacional que se auto-sustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados. Graças às técnicas de vigilância, a “física” do poder, o domínio sobre o corpo se efetua segundo as leis da ótica e da mecânica, segundo um jogo de espaços, de linhas, de telas, de feixes, de graus, e sem recurso, pelo menos em princípio, ao excesso, à força, à violência.

Assim, a punição não se dá pela força, mas pelo olhar (olhar que, na sociedade moderna, é realizado também

pela mídia e recai sobre o corpo do sujeito). O que foge ao adequado, ao apontado pela disciplina como “normal é penalizado (FOUCAULT, 2008a). A punição atua de forma a reduzir os desvios. A classificação e a hierarquização castigam e recompensam: “a disciplina recompensa unicamente pelo jogo das promoções que permitem hierarquias e lugares; pune rebaixando e degradando” (FOUCAULT, 2008a, p. 151), caracterizando-se, dessa forma, uma punição que não tem em si a função de reprimir, uma vez que é ela mesma uma das formas de controle da disciplina.

Recai ainda sobre os corpos o biopoder, que “age sobre a espécie humana, que considera o conjunto, com o objetivo de assegurar a sua existência” (MACHADO, 2008, p. XXII). Faz parte do biopoder o controle sobre a natalidade e a mortalidade, sobre as condições de vida do indivíduo – um poder que atua no “nível da espécie, da população com o objetivo de gerir a vida do corpo social”. (MACHADO, 2008, p. XXII). Essa biopolítica se ocupa da gestão de elementos da vida dos indivíduos como a saúde, a higiene, a alimentação, a sexualidade e outros, tornando esses fatores algo da ordem da preocupação política (REVEL, 2005). O ideal de poder consiste em garantir a vida do sujeito, o que ocorre principalmente através do dispositivo da sexualidade. Neste sentido, observa-se - como analisa o autor - a relação desse tipo de poder com o capitalismo, que introduziu o corpo dos sujeitos nos aparelhos de produção, fazendo com que seus corpos fossem valorizados (FOUCAULT, 2009).

Enquanto a disciplina atua no nível do individual, o biopoder dar-se-á em relação ao corpo da população, ao nível da espécie, do ser vivo. A biopolítica volta-se para a população através de mecanismos reguladores que visam estabelecer e

manter o equilíbrio dessa população, de forma que a vida seja otimizada. Enquanto a disciplina é centrada no corpo, produz individualidades e dociliza, o biopoder foca a vida, na tentativa de controlar, prevenir e remediar eventos aleatórios que possam surgir. Uma vez que esses mecanismos atuam em níveis diferenciados no corpo do indivíduo e na vida da população), eles não se anulam, ao contrário, articulam-se, tendo em comum a norma (FOUCAULT, 2005).

Por fim, que sujeito é esse?

Diante dessas concepções de modernidade, identidade, mídia e corpo, lançou-se um olhar sobre doze enunciados verbais e não verbais retirados de seis revistas de circulação, público, temática e periodicidade diferenciados: *Boa Forma*, *Capricho*, *Men's Health*, *Saúde é Vital*, *Veja* e *Época*:

- *Capa*. Revista Veja, Edição 2139, ano 42, número 46. 18 de novembro de 2009.
- *Capa*. Revista da Semana, Edição 78, ano 3, número 9. 12 de março de 2009.
- *Capa*. Revista Veja, Edição 1792, ano 39, número 9. 05 de março de 2003.
- *A medicina revela a mulher de verdade*. Revista Veja, Edição 1998, ano 40, número 9. 07 de março de 2007.
- *Rápido e total: trabalhe o corpo todo com apenas um movimento*. Revista Men's Health, Edição 36, ano 3, número 12. Abril de 2009.

- *Aposta dupla: para manter o corpão, ele faz exercícios em casa e na academia.* Revista Men's Health, Edição 36, ano 3, número 12. Abril de 2009.
- *Ganhe o corpo que elas desejam.* Revista Men's Health, Edição 36, ano 3, número 12. Abril de 2009.
- *De corpo inteiro.* Revista Saúde é vital, número 269. Janeiro de 2006.
- *Porque elas querem ser tão magras?* Época, Edição número 432. 28 de agosto de 2006.
- *Capa.* Revista da Semana, Edição 45, ano 2, número 27. 17 de julho de 2008.
- *Eu tinha vergonha do meu corpo.* Revista Boa Forma, Edição 206, ano 19, número 8. Agosto de 2004.
- *Eu odeio o meu corpo.* Revista Capricho, Edição 1062. 18 de janeiro de 2009.

As materialidades discursivas foram analisadas mediante um batimento descritivo-interpretativo - tanto em seus aspectos verbais quando nos imagéticos -, por meio do qual foi possível encontrar certas regularidades. Pôde-se verificar o corpo como uma construção discursiva produzida pela mídia conforme as relações de saber e poder articuladas no histórico e no social. Assim, o corpo não preexiste; ele é configurado a partir do discurso, é criado no acontecimento e na sua objetivação pelos saberes. Nesta perspectiva, a subjetivação do sujeito só vai ocorrer a partir da objetivação do seu corpo.

O corpo aparece controlado por fatores como a genética, o *body building* do treino, a estética e a ciência. O poder recai sobre ele em diversos níveis, seja por meio dos

micropoderes e biopoderes do cotidiano que induzem o sujeito à mudanças na alimentação e à prática de técnicas corporais que mantenham a sua *performance* e a sua capacidade de reprodução, seja por intervenções mais drásticas que regulam a sua existência e constituição como corpo, seja ainda por sua codificação genética, que uniformiza os sujeitos dentro de uma mesma espécie biológica e diferencia o corpo normal do anormal.

A corpolatria (o culto ao corpo) passa pelo treino, pela sexualidade, pela estética e pela medicina, promovendo mudanças que fazem o corpo enquadrar-se em uma ordem discursiva segundo a qual ele deve ser magro (a gordura é tida como doença de âmbito da população que torna o sujeito improdutivo e não garante o seu bem-viver, devendo então ser combatida pelas instituições promotoras de formas simbólicas e saberes como a mídia e a medicina, a família e o próprio Governo), fortalecido, bem-modelado (pois se a gordura é sinal de doença, o excesso da magreza também o é), belo e jovem. A sua sexualidade pode ser escondida ou mostrada, a depender de fatores como a posição-sujeito ocupada pelos sujeitos. Observou-se que nos enunciados direcionados ao público feminino o apelo à beleza dá-se por meio dos sentimentos de confiança e autoaceitação, enquanto naqueles direcionados ao público masculino o culto ao corpo ocorre principalmente para adquirir força e tornar-se sexualmente atrativo. É com essa imagem de corpo transmitida pela mídia que o sujeito irá se identificar, e não com aquela que é a sua própria (BAUMAN, 2001). Há então uma ‘corporeidade mediada’ (termo aqui proposto), pela qual o sujeito passa a ter noção do próprio corpo a partir dos exemplos fornecidos pela mídia por meio das formas simbólicas.

O desnudamento dos corpos é um fator a ser considerado. Se antes essa prática e a perda do pudor tornaram possível o surgimento do culto ao corpo, na Modernidade ocorre uma inversão de valores, ou seja, o corpo se mostra justamente para evidenciar suas formas. Essa nova ordem torna possível observar o funcionamento dos processos de docilização do corpo. Diante da mudança das formas de punição e controle operadas durante a Idade Média, o olhar assumiu um papel fundamental, e é este dispositivo que atua através da exposição do corpo, tornando possível assim o seu controle por meio de uma moderna e complexa modalidade de *Panopticon* que mantém o seu funcionamento também por meio da mídia.

Os enunciados que representam o corpo e o sujeito na mídia constroem o efeito de sentido de que a magreza e o corpo ideal podem ser construídos, principalmente, por meio do *fitness*. Há aqui algo a ser notado: enquanto a ciência estipula e delimita o corpo, o treino o modifica. Se não há o discurso da modificação, há o da aceitação limitada – limitada porque ela se dá a partir de uma gradação em que o corpo pode ser mais ou menos adequado, mas nunca estar fora da ordem e da norma constituída pelo saber e licenciada pelo poder.

A ciência assume um lugar autorizado e legitimado para enunciar sobre o corpo, uma vez que este não preexiste ao discurso. Essa tomada de posição da ciência pode ser vista por meio da presença constante da voz dos especialistas de diferentes áreas (genética, psicologia, nutrição, fisiologia, medicina) presentes nos enunciados.

No nível da construção dos enunciados o controle aparece em forma de quantificação e de medida. Cada

movimento do corpo é cultural, faz parte do saber e é sancionado pelo poder; a forma como o sujeito utiliza o seu próprio corpo e dispõe do corpo do outro, com ou sem o uso de instrumentos, está condicionada e regulamentada pelas relações de saber e poder.

Faz parte dessa mesma mídia, na condição de meio de comunicação de massa, a dissociação entre a produção e a recepção das formas simbólicas, na qual não há dialogismo entre os interlocutores ou um *feedback* instantâneo do leitor. Apesar disso, nos enunciados é possível notar uma tentativa de apagamento dessa separação, promovendo uma aproximação do enunciadador com o sujeito-leitor. Assim, o leitor é a todo o momento convidado a assumir uma posição de segunda pessoa do discurso, seja por meio dos verbos no modo imperativo seja por seu uso pronominal. Há também a tentativa de angariar a confiança desse indivíduo, fator que contribui para a instauração de um efeito de verdade nos enunciados. Esse efeito de verdade ocorre também pela utilização recorrente do discurso dos especialistas, lugares autorizados de enunciação.

Diante desses aspectos, o corpo se constitui não só como lugar de conflito e disputas dos saberes e discursos, mas também como um conflito do sujeito com o próprio corpo: ora ele o cultua, ora o nega e segrega; ora se apropria do outro, ora é apropriado por esse outro. É nesse jogo que se dá o processo de subjetivação do sujeito e este é chamado a assumir uma posição.

Assim sendo, estudar o sujeito no viés da mídia possibilita o entendimento dessa mediação e subjetivação e torna-se fundamental caso se tenha em vista a descoberta do homem moderno e atual, uma vez que a própria mídia é um importante instrumento das tendências modernizantes.

Referências

- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BROWN, P. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- CASTRO, A. L. de; BUENO, M. L. Introdução. In: BUENO, M. L.; CASTRO, A. L. de (Orgs.). *Corpo, território da cultura*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 9-10.
- COURTINE, J.-J. Introdução. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (Dir.). *História do corpo: as mutações do olhar. O século XX*. Vol.3. Petrópolis: Vozes, 2008a, p. 7-12.
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008a.
- _____. *Microfísica do poder*. 26. ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008b.
- _____. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Vol. 1. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GUIMARÃES, M. E. A. Globalização: o corpo como campo de batalha. In: BUENO, M. L.; CASTRO, A. L. de (Orgs.). *Corpo, território da cultura*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 75-87.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 103-133.

ORY, P. O corpo ordinário. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (Dir.). *História do corpo: as mutações do olhar. O século XX*. Vol.3. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 155-195.

PRADO FILHO, K.; TRISOTTO, S. O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 1, p. 115-121, jan./mar. 2008.

REVEL, J. *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

SILVA, T. T. da. A produção social de identidade e da diferença. In: _____. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 73-102.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p.7-72.